

cològicamente enfermo. Pensa que o homem civilizado é um ser enfermo?

G. M. — A civilização não é uma enfermidade. Mas, tal como a saúde, vê-se acometida, recebe golpes no seu organismo. É evidente que a saúde absoluta não existe, nem nos indivíduos nem nas sociedades. E a era da técnica, a que nos conduziu o idealismo e a filosofia do século XIX, terá, como as outras, as suas doenças características. Biológicas e psíquicas. Vivemos e sofremos; mas sem sermos aquilo a que Heidegger chama «um ser para a morte» — *Sein zum Tode*. O amor, a plenitude na criação, a contemplação, consolam-nos de tantas amarguras que nos inclinam a crer que somos seres para a eternidade, mais que para a morte.

Continuo a ouvi-lo, mas qualquer coisa me diz que a entrevista chegou ao fim. Qualquer coisa dentro de mim que me impõe uma conclusão. De repente, o mundo exterior, o de longe e o de perto, ergue-se entre o meu ouvido e a voz do filósofo; e este mundo, na sua proximidade imediata, é o Bairro Latino, onde, por baixo destas janelas, soaram em Junho passado os tiros da contestação. É um mundo chamado à barra do tribunal. A voz diz: «A sociedade ocidental tem falhas incontestáveis. O contexto, porém, é diferente, conforme os países. Creio, todavia, que a contestação se dirige contra o inumano, e neste sentido está justificada. O que tem é que, em geral, é uma contestação estúpida, primária, que outra coisa não conseguirá senão levantar o resto da sociedade, ofendida e assustada, contra os mesmos contestatários. Também eu sou contra as necessidades artificiais, contra a absurda mecanização de tudo, contra os automóveis inúteis que são impecilho ao desenvolvimento de uma vida normal nas grandes cidades...»

A conversa, no essencial, está terminada. O diálogo toma o rumo das recordações comuns. Roma, Maio de 1962. Amigos de França, Itália, Espanha. Lugares que, ao longo destes últimos anos, os nossos passos calcaram. Livros. Espectáculos. Despedi-me. Enquanto desço as escadas, acompanham os meus passos estes versos de Hölderlin:

*Lá onde está o perigo,
brota também o que salva.*

Isto tem uma relação evidente com o existencialismo, com Heidegger, com o mundo da técnica, com a integridade do ser, com a perda da essência que ameaça o mundo de hoje, com tudo quanto Marcel me disse nesta longa entrevista. É costume citar os versos no princípio. Com eles encerro este primeiro passo para o centro.

2. NO RASTO DE EDMUND HUSSERL

A melhor forma de comprovar o valor e eficácia de uma teoria ou de um sistema é confrontá-los com todos os temas da actualidade. Não me quero referir aos temas políticos ou sociais, fases últimas de teorias já antiquadas. Refiro-me ao que chamaríamos não validade das essências. E vou encontrar a fenomenologia na base de quase tudo, ou descobrir paralelismos sensacionais entre o sistema de Husserl e outras presenças da actualidade; ao passo que já se me afigura impossível relacionar o materialismo histórico com qualquer valor contemporâneo. Hoje, está provado que o marxismo foi contemporâneo do positivismo, do princípio da causalidade que presidiu aos destinos da física ao longo de todo o século XIX, do naturalismo na literatura ou na pintura, de certo naturalismo pós-romântico, da psicologia dos reflexos condicionados, e que, paradoxalmente, se quis também fundamentar no evolucionismo darwiniano, embora o princípio da selecção natural e da vitória justificada do mais forte sobre o mais fraco, tal como a concebeu Darwin após a sua viagem ao outro hemisfério, nada tenha que ver com o igualitarismo e socialismo marxistas.

O que se dá hoje no mundo ocidental, o fermento de ideias que o caracteriza, está completamente fora do alcance de qualquer ideia ou sistema herdados do século passado. Verifica-se até uma espécie de atitude de repulsa contra tudo quanto procede dessa época, ora preparatória ora errada, da Humanidade, que veio a terminar nos desastres de 1914 e 1939 ou numa demagogia espiritual e política que parece não mais ter fim.

Pelo contrário, o que se está preparando na sombra mais discreta dos laboratórios, das bibliotecas, dos observatórios astronómicos, dos centros atómicos, dos estudos, tudo isso está relacionado com a fenomenologia, no sentido que Husserl deu a esta palavra. Podia até afirmar, sem sombra de erro, que Husserl não só está na base de algumas das mais célebres conversões do século (era protestante, de origem judaica), como está ainda em concordância com o Zen e com a obra literária de James Joyce; que existe uma psicologia baseada na fenomenologia; que a física moderna mais não fez